

HISTÓRIA, DIALÉTICA E MATERIALISMO HISTÓRICO NA LEITURA BENJAMINIANA DE *DAS PASSAGEN WERK*

Anita Helena Schlesener¹

Resumo:

Este artigo procura salientar elementos gerais do pensamento de Walter Benjamin, a partir critérios de abordagem da realidade política e histórica, direcionados pelo conceito de imagem dialética, que renova o significado da dialética como abordagem teórico-metodológica do materialismo histórico. Todo o percurso se fundamenta nos Arquivos K e N de *Das Passagen-Werk*, obra constituída de apontamentos e materiais selecionados para uma futura obra sobre Baudelaire. Tem-se uma retomada de conceitos de Marx, como o fetichismo da mercadoria e o sentido de história, contraposto a uma experiência linear do tempo, característica do historicismo de matriz Socialdemocrata. Coloca-se para Benjamin a necessidade de romper com as noções de determinismo e causalidade como o ponto fixo que delimitava a leitura contínua da história, para instaurar uma nova metodologia capaz de reconhecer as correspondências entre o ocorrido e o agora.

Palavras-chave: Dialética. Materialismo histórico. Walter Benjamin.

DIALECTICS AND HISTORICAL MATERIALISM FROM THE WRITINGS OF WALTER BENJAMIN

189

Abstract:

This article seeks to highlight general elements of Walter Benjamin's thought, based on criterion for approaching political and historical reality, guided by the concept of dialectical image, which renews the meaning of dialectics as a theoretical-methodological approach to historical materialism. The entire route is based on the K and N Archives of *Das Passagen-Werk*, a work made up of notes and materials selected for a future work on Baudelaire. There is a resumption of Marx's concepts, such as the fetishism of merchandise and the sense of history, opposed to a linear experience of time, characteristic of Social-Democratic historicism. For Benjamin, there is the need to break with the notions of determinism and causality as the fixed point that delimited the continuous reading of history, in order to establish a new methodology capable of recognizing the correspondences between what happened and now.

Keywords: Dialectic. Historical materialism. Walter Benjamin.

¹ Doutora em História (UFPR), Pós-Doutorado em Educação (UNICAMP). Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná. E-mail: anitahelena1917@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5185-2604>.

Introdução

A importância de uma filosofia pode ser avaliada tanto por seu conteúdo inserido no contexto histórico no qual foi produzido, quanto pelas possibilidades de análise que ela apresenta a partir de suas formulações conceituais e metodológicas. Essas características são próprias da filosofia de Walter Benjamin, que instiga a aprofundar significados, suscita a análise e abre perspectivas de indagação com novas possibilidades de leitura da política e da cultura modernas. Com seus escritos tem-se uma permanente interlocução com os mais variados enfoques temáticos e áreas das ciências humanas, com uma força inusitada de questionamento, que supera os limites da aparência e leva até as últimas consequências as suas indagações. Assim, interrogar-se sobre a filosofia implica apreender as dimensões de temporalidade vividas para colocar as bases de uma historiografia que ultrapasse o tempo linear, a fim de conhecer internamente os eventos, bem como vislumbrar as suas correspondências.

Nesse trabalho pretende-se primeiramente salientar elementos gerais desse pensamento inovador, que redefine a própria noção de filosofia e propõe novos critérios de abordagem da realidade política e histórica, um método que se instala no coração do materialismo histórico para fazer eclodir toda a sua força crítica. Uma filosofia que problematiza, que questiona permanentemente com uma linguagem densa e metafórica, enfim, uma reflexão inacabada e sempre recomeçada, na busca da vida anterior na qual o futuro se exila.

Em seguida procura-se explicitar os elementos constitutivos do conceito de imagem dialética que, ao unificar a força da razão crítica e a potência da imagem, o ocorrido com o agora, renova o próprio significado da dialética como abordagem teórico-metodológica do materialismo histórico. A radicalidade política desse conceito é fundamentada nos escritos de Marx sobre as características do fetichismo da mercadoria, com desdobramentos na formação da consciência mítica. Trata-se de uma noção fundamental para enfrentar a ideologia do progresso no contexto da história e da política da Social-Democracia alemã, como aspectos do mito moderno, nas formas que este assume no estilo de vida burguês do século XIX.

Finalmente, pretende-se destacar a forma particular que assume a noção imagem dialética ao ser relacionada com o conceito de despertar, a partir da compreensão da dimensão onírica do presente, a qual reforça a dimensão política das

relações sociais e históricas. A tarefa do historiador materialista é desvelar o mito nas figuras e imagens da realidade urbana, traços materiais que escondem a dimensão onírica da vida moderna. Tal leitura visa a mostrar as possibilidades de analisar de que modo o pensamento de Benjamin lança perspectivas de compreensão da realidade política e cultural contemporânea.

Todo o percurso se fundamenta nos Arquivos K e N de *Das Passagen-Werk*, obra constituída de apontamentos e materiais selecionados para uma futura obra sobre Baudelaire. “A noção de passagem é polivalente, plural”; ora “substantivo (passante, passagem), ora verbo (passar)”, assume as funções mais variadas (MISSAC, 1998, p. 15). Passagens são caminhos, mas também desvios e atalhos; são galerias do século XIX, onde passantes desconhecidos erravam (caminhavam) na multidão; são ainda citações de obras consideradas importantes na pesquisa do autor, a serem traduzidas para novas línguas e contextos significativos; são também expressão do tempo que passa ou da paisagem que fica, que deixam seus vestígios para serem reconhecidos pelo historiador atento; passagens referem-se aos ritos de inserção social ou a vida que se constrói sem que se perceba o seu movimento; passagens são itinerários que se percorre e que se abrigam na memória, o gosto da viagem e da descoberta, experiências que deixam vestígios e nos auxiliam a compreender o mundo no qual vivemos (SELIGMANN-SILVA, 2005, p. 141).

Trata-se de relacionar as reflexões sobre a dialética e o materialismo histórico, fundadas em citações de Marx e Adorno, com os apontamentos sobre a morada do sonho e o despertar, que se originam na teoria psicanalítica (Freud e Jung - em K), buscando a mediação metodológica da filologia (em N). A presente leitura apresenta-se como um possível percurso que, embora fundado em citações, não é aleatório porque referenda a intenção de questionar o instituído e corroer suas bases, presente em outros trabalhos de Benjamin sobre filosofia e história (BICK-MORSS, 2002, p. 266).

Para Buck-Morss (2002, p. 266), o “laborioso e detalhado estudo dos textos passados, seu cuidadoso inventário de partes fragmentárias extraídas e o uso planejado em ‘constelações’ deliberadamente construídas eram todos procedimentos reflexivos rigorosos, que Benjamin considerava necessários para tornar visível uma imagem da verdade que as ficções escritas na história convencional encobriam”. Uma nova abordagem teórico-metodológica que permite que aflore a força da crítica.

A filosofia enquanto pensamento em permanente construção

O fascínio que produz a leitura dos escritos de Walter Benjamin está na sua capacidade de sugerir novas perspectivas e novos caminhos de investigação, de mostrar o que se esconde sob as aparências, de acentuar a necessidade de transcender o meramente visível, a fim de redefinir a atividade filosófica. Com Benjamin a filosofia assume a sua condição de errância, na dupla acepção do andar e do errar: o conhecimento, em geral, se produz por meio da experimentação e pela superação de erros; o filósofo se define como aquele que cultiva o hábito da dúvida e não teme confrontar-se com a incerteza; o pensamento não pode se fixar em um ponto, mas precisa seguir o movimento contraditório da vida, tanto na sua materialidade quanto na nossa imaginação; as andanças e o transitar no limiar da ordem instituída visam a evidenciar os detalhes das relações sociais, em geral inadvertidos, que expressam o modo de ser da sociedade. Errar sem ancoradouro ou ponto fixo, buscar o avesso da razão ou de uma realidade pretensamente racional revivendo o esquecido, porque fracassado ou porque não se encaixa na ordem instituída.

A filosofia apresenta-se não como um sistema explicativo, mas como um pensamento aberto, histórico, que enfrenta o paradoxal, o ambíguo e o contraditório, uma reflexão inacabada que desencadeia outra e outra, cuja expressão se faz na linguagem. Questiona-se a identificação da filosofia com a razão imperativa, que acredita poder subsumir a totalidade do real, para entendê-la como um pensamento que apreende o real em seus detalhes, a fim de articulá-los em novas constelações. A proposta central é buscar o universal no particular, nas condições materiais da vida em seu movimento e em sua estrutura contraditória, naquilo que a sociedade moderna e a razão que a coordena consideram descartável e insignificante: a singularidade do cotidiano nos destroços e detritos cujos contornos, ao receberem novas significações, vivificam o pensamento.

No dizer de Adorno, Benjamin inaugurou um novo modo de olhar, que possibilita “que se mova o imóvel e que se fixe o que se movimenta”, uma nova abordagem metodológica que se deixa atrair por tudo que consegue “escapular por entre as malhas da rede convencional de conceitos”; nele “o pensamento adere e se aferra na

coisa, como se quisesse transformar-se num tatear, num cheirar, num saborear”. No entanto, essa abordagem da coisa não implica entregar-se “ao acaso da cega intuição sensível”, mas apresentar uma imagem da verdade muito além do sistema reflexivo convencional. Nessa perspectiva, Benjamin entendia que o “pensamento deve alcançar a densidade da experiência sem, contudo, renunciar em nada a seu rigor”. Para Adorno, essa é também uma “utopia do conhecimento que tem a utopia por conteúdo”. O ponto central da “filosofia de Benjamin é a ideia de salvação do que está morto enquanto restituição da vida deformada, algo a ser feito mediante a consumação de sua própria reificação, inclusive até o horizonte do inorgânico” (ADORNO, 1998, p. 236-237).

Contrapondo-se a uma filosofia que pretende explicar o mundo por meio de conceitos universais, Benjamin nos apresenta uma nova leitura da realidade abordada na sua multiplicidade por meio de um procedimento monadológico que visa a identificar a estrutura interna do objeto investigado e a sua inserção no contexto histórico; um percurso teórico-metodológico que ele próprio denomina revolução copernicana e que entendemos aqui como uma metodologia radical e inovadora que modifica o próprio significado da dialética:

A revolução copernicana na visão histórica é a seguinte: considerava-se como o ponto fixo “o ocorrido” e conferia-se ao presente o esforço de se aproximar, tateante, do conhecimento desse ponto fixo. Agora esta relação deve ser invertida e o ocorrido, tornar-se a reviravolta dialética, o irromper da consciência desperta (BENJAMIN, 2009, p. 433).

Benjamin nos convida aqui não apenas a uma nova leitura da história, como também a uma nova interpretação da dialética. No bojo dessa proposta, podemos vislumbrar ainda uma teoria da linguagem, que permite propor novas reflexões sobre a educação. Tentaremos explicitar aspectos da abordagem da história que Benjamin entende ser própria do materialismo histórico, pela consideração das noções de imagem dialética e despertar, centrais nessa revolução copernicana.

Romper com o ponto fixo, geométrico, significa romper com uma história linear, universal e progressiva, uma história espacializada na qual os fatos são considerados na sua relação causal e, portanto, passíveis de narrar com fidelidade a partir da memória de grandes personalidades; essa narrativa supõe a identificação com

os vencedores, visto que os fatos narrados se referem sempre a vitórias marcadas por datas precisas e por faustosos monumentos como marcos sinalizadores.

Benjamin foi um rigoroso leitor de Marx e criticou com igual rigor o marxismo de sua época. A crítica a todas as formas de historicismo abrange também o materialismo histórico cuja noção de progresso funciona como pressuposto inquestionável de uma história que avança em sua marcha racional e irreversível, a partir dos desdobramentos de sua base econômica. Como acentua Agamben (2005, p. 111), “a tarefa original de uma autêntica revolução não é jamais simplesmente ‘mudar o mundo’, mas também e antes de mais nada ‘mudar o tempo’”, preocupação que não foi a do materialismo histórico, que se furtou “a elaborar uma concepção do tempo à altura de sua concepção da história”. E precisamente por não haver dado conta dessa questão é que “ele foi inconscientemente forçado a recorrer a uma concepção de tempo que domina há séculos a cultura ocidental” e a manter “em seu próprio âmago uma concepção revolucionária da história com uma experiência tradicional do tempo”. Essa forma teleológica de entender a história identificando um sentido objetivamente dado, própria do pensamento burguês, se assimilada pelas classes trabalhadoras funciona como um artifício ideológico que retira delas a força revolucionária, porque não permite que os sujeitos se reconheçam como donos de seu próprio destino.

Na verdade, o marxismo não rompeu completamente com a visão de mundo fundada no determinismo e na causalidade, que simplificam as relações sociais e lançam as classes trabalhadoras numa espécie de fantasmagoria do tempo, estabelecem um traço comum entre a historiografia materialista e o modelo historiográfico burguês na ideia de uma temporalidade homogênea e vazia, que as adapta aos interesses dominantes. A fragilidade dos vencidos está em que não possuem clareza de sua própria história, porque esta não tem uma narrativa organizada em uma temporalidade própria; com a derrota, perderam a voz e a possibilidade de articular de modo coerente as ações realizadas a fim de contrapor-se ao curso teleológico da história dos vencedores; a sua temporalidade se evidencia somente em momentos de crise do poder dominante.

A imagem dialética como nova abordagem teórico-metodológica

A revolução copernicana consiste em descobrir o tempo subterrâneo, escondido ou soterrado, que coexiste no presente em permanente conflito com a história dos vencedores, para fazê-lo emergir das sombras na sua negatividade e força crítica. Nessa nova leitura da história, a noção de imagem dialética torna-se central para reordenar os fatos no instante vivido e reconhecer o momento no qual o ocorrido encontra o agora num movimento carregado de tensões.

Ao pensamento pertencem tanto o movimento quanto a imobilização dos pensamentos. Onde ele se imobiliza numa constelação saturada de tensões, aparece a imagem dialética. Ela é a cesura no movimento do pensamento. Naturalmente, seu lugar não é arbitrário. Em uma palavra, ela deve ser procurada onde a tensão entre os opostos dialéticos é a maior possível (BENJAMIN, 2009, (N 10 a, 3), p. 518).

Na interpretação de Adorno (2012, p. 191), a leitura dos escritos de Benjamin o conduz a certas formulações sobre a alienação: na “medida em que o valor de uso das coisas perece, as coisas alienadas são tornadas ocas e passam a adquirir sentidos cifrados” que, por sua vez, formam a subjetividade. O trecho da carta reproduzida por Benjamin em *Passagens* acentua que “imagens dialéticas são constelações entre coisas alienadas e o significado incipiente, detendo-se no instante de indiferença entre a morte e o significado. Enquanto na aparência as coisas são despertadas para o que é mais novo, a morte transforma os significados no que é mais antigo”. Benjamin acentua que a quantidade de coisas alienadas aumenta na proporção do progresso tecnológico que retira de circulação os objetos de uso. (BENJAMIN, 2009, (N 5, 2), p. 508).

Unindo duas ideias opostas entre si, uma como fixidez do momento, outra como devir e passagem, o conceito benjaminiano de “imagem dialética” permite reformular a atividade reflexiva e repensar questões centrais na filosofia, como a dicotomia sujeito-objeto, o lugar do sensível no processo de conhecimento, o individual e a totalidade. Gerado de uma cesura no movimento do pensamento, esse conceito une em si a força da crítica e a intensidade da imagem reveladora do conjunto expressivo. Ao designar e reunir a imobilidade e o movimento tal conceito revela uma postura metodológica que, ao contrário da epistemologia cartesiana e geométrica ou a kantiana, cujo pressuposto é a divisão entre sensível e inteligível, esse método está voltado a “salvar a materialidade da coisa” liberando o objeto “em seu próprio ser sensível” e preservando “seus elementos díspares em toda sua irreduzível heterogeneidade”

(EAGLETON, 1993, p. 239). É o que Benjamin define como nova experiência da dialética:

Existe uma experiência da dialética totalmente singular. A experiência compulsória, drástica, que desmente toda ‘progressividade’ do devir e comprova toda aparente ‘evolução’ como reviravolta dialética eminente e cuidadosamente composta, é o despertar do sonho. (...) O método novo, dialético, de escrever a história apresenta-se como a arte de experienciar o presente como o mundo da vigília ao qual se refere o sonho que chamamos de o ocorrido (BENJAMIN, 2009, (K 1, 3), p. 434).

Enfrentar as contradições do mundo da vigília permeado pelo sonho; desvelar os traumas e deformações gerados por uma razão imperativa, que exclui e marginaliza o contraditório ou mesmo o ambíguo e se traduz em poder e em barbárie; fazer cair o véu da ideologia que submerge a maioria dos homens numa cegueira permanente, esta é a tarefa da dialética enquanto nova escrita da história. Essa posição tem consequências relevantes no conceito de verdade, que “não é – como afirma o marxismo – apenas uma função temporal do conhecer, mas é ligada a um núcleo temporal que se encontra simultaneamente no que é conhecido e naquele que conhece” (BENJAMIN, 2009, (N 3, 2), p. 505). Um núcleo temporal tensional que entrecruza passado e presente e desvela o objeto histórico enquanto uma “estrutura monadológica” graças a qual este “encontra representada em seu interior sua própria história anterior e posterior” (BENJAMIN, 2009, (N 10, 3), p. 517).

Para Richard Wolin (1994, p. 203), é a perspectiva monadológica que libera os fatos da rigidez mítica e os torna relevantes do ponto de vista das preocupações materialistas, cuja abordagem reinterpreta os fatos de acordo com os interesses da emancipação social. As três dimensões do tempo se entrelaçam mas a perspectiva construída pela história universal reforça a percepção dissociada ou apenas alusiva, como “o choque com que um instante penetra em nossa consciência, como algo já vivido, nos atinge”, como um som, uma “palavra, um rumor ou um palpitar”, que parece ter o “poder de nos convocar desprevenidos ao frio jazigo do passado”, que ressoa no presente como um eco”, que nos golpeia e que parece ter sua origem em um canto escuro e esquecido da vida anterior (BENJAMIN, 1987, p. 89). Quando menos se espera, o passado nos solicita, aciona a nossa memória e nos pede uma nova interpretação.

Um momento de tensão, de imobilização, imagem dialética na qual o passado encontra sua fisionomia no presente. “O presente determina no objeto do passado o ponto onde divergem sua história anterior e sua história posterior, a fim de circunscrever seu núcleo”. Cabe ao materialismo histórico descobrir a atualidade do passado nas dobras do presente, realizando “a grande filologia relativa aos escritos” do passado (BENJAMIN, 2009, (N 11, 5 e 6), p. 518); processo que se sustenta na experiência, base do movimento do pensamento e da dialética.

A nova dialética precisa apanhar o núcleo lúdico e utópico das experiências, a fim de desvelar o objeto na sua materialidade e variedade de significações. “Diz-se que o método dialético consiste em levar em conta, a cada momento, a respectiva situação histórica concreta de seu objeto. Mas isso não basta”. É necessário dizer de onde se fala e por qual motivo, ou seja, “é igualmente importante levar em conta a situação concreta e histórica do *interesse* por seu objeto”. Essa questão não pode ser afrontada no contexto da “ideologia do progresso, mas apenas numa visão da história que ultrapasse tal ideologia em todos os aspectos”. Trata-se de presentificar o passado e dar-lhe uma significação tal que faça sobressair o seu caráter de atualidade; “abordar dessa maneira o ocorrido significa estudá-lo não como se fez até agora, de maneira histórica, mas de maneira política, com categorias políticas” (BENJAMIN, 2009, (K 2, 3), p. 436 (grifo do autor).

Acentua-se aqui que o modo de Marx entender a história difere e se contrapõe a uma história construída a partir de uma experiência linear do tempo, característica do historicismo de matriz hegeliana e da Socialdemocracia alemã. Conforme Agamben (2005, p. 121, grifos do autor), para Marx a história é construída pelo homem na medida em que este constrói cotidianamente a sua vida e a sua essência humana a partir de suas relações com a natureza e com os outros por meio do trabalho. Significa que o homem não existe no tempo, mas constrói também o tempo como a sua natureza e é a partir de sua ação que se faz a história. Neste sentido, as reflexões de Marx sugerem que a “praxis, na qual o homem se coloca como origem e natureza do homem, é também imediatamente ‘o primeiro ato histórico’, o ato de origem da história”. (...) *O homem não é um ser histórico porque cai no tempo mas, pelo contrário, somente porque é um ser histórico ele pode cair no tempo, temporalizar-se*”.

Para Marx (1977, p. 17), precisamente por fazer a história, os homens nela estão envolvidos de tal forma que “não a fazem como querem”, conforme sua

vontade e escolha, mas pressionados por “circunstâncias (...) com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. Significa que todos sem exceção estamos imersos na ideologia. Benjamin tem clara essa dimensão quando afirma:

O materialismo histórico não aspira a uma apresentação homogênea nem tampouco contínua da história. Do fato de a superestrutura reagir sobre a infraestrutura resulta que não existe uma história homogênea, por exemplo, a história da economia, nem tampouco existe uma história da literatura ou do direito. Por outro lado, uma vez que as diferentes épocas do passado são tocadas pelo presente do historiador em graus bem diversos (...) uma continuidade da apresentação histórica é inviável (BENJAMIN, 2009, (N 7 a, 2), p. 512).

O materialismo histórico não pode constituir-se como uma leitura contínua e homogênea da história, mas, concentrando-se no presente, precisa dar a cada época o seu novo significado político. As categorias políticas referidas por Benjamin podem ser encontradas em suas referências a Engels e Marx, no Arquivo N: “Engels diz: ‘Não esquecer que o direito, como a religião, não tem uma história própria’. O que vale para ambos vale principalmente, e de maneira decisiva, para a cultura” (BENJAMIN, 2009, (N 5, 4), p. 508). Marx também é citado para esclarecer que “não existe história da política, do direito, da ciência, etc.”, como instâncias autônomas entre si (BENJAMIN, 2009, (N 5 a, 3), p. 509). Uma das citações de Marx retoma o Posfácio de *O Capital* para acentuar que: a “pesquisa deve apropriar-se da matéria no detalhe, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e descobrir seu concatenamento interno. Somente depois de realizado esse trabalho é que o movimento real pode ser apresentado adequadamente” (BENJAMIN, 2009 (N 4 a, 5), p. 507). Parecer ser este o caminho seguido por Benjamin na formulação de sua abordagem teórico- metodológica.

Mais adiante, citando “Engels, em carta a Mehring”, de 1893, acentua que a “aparência de uma história autônoma das constituições de Estado, dos sistemas jurídicos e das representações ideológicas, em cada domínio particular” ofusca a maioria das pessoas e a superação desse ofuscamento implica a compreensão da estrutura do modo de produção capitalista e as formas de ilusão que se produzem nesse contexto para tornar eterno e definitivo o próprio sistema (BENJAMIN, 2009 (N 6 a, 1), p. 510-511).

Trata-se de mostrar que o materialismo histórico precisa superar o “elemento épico da história”, arrancar cada “época da ‘continuidade da história’ reificada”, fazer “explodir também a homogeneidade dessa época” para a releitura do

presente (BENJAMIN, 2009 (N9 a, 6), p. 516). Essa tarefa não pode prescindir de uma crítica radical ao conceito de progresso no interior da concepção materialista da história. Pode-se completar essa argumentação com a citação da carta de Marx a Ruge, de 1843:

Nosso lema... deve ser: reforma da consciência, não por meio de dogmas, e sim pela análise da consciência mística, obscura a si mesma, seja em sua manifestação religiosa ou política. Ficará claro que o mundo há muito possui o sonho de uma coisa, da qual precisa apenas possuir a consciência para possuí-la realmente (BENJAMIN, 2009 (N 5 a, 1), p. 509).

Essa questão torna-se central no texto de Benjamin, que se propõe realizar um trabalho “comparável ao método da fissão nuclear”, a fim de liberar as “forças gigantescas da história que ficam presas no ‘era uma vez’ da narrativa histórica clássica”, a qual funciona como “o narcótico mais poderoso do século” XIX (BENJAMIN, 2009 (N 3, 4), p. 505). É como se o passado mais remoto e esquecido, a partir de uma ruptura, um fato contraditório, um choque ou um eco, despertasse e ressurgisse para nos fazer entender a realidade de outra maneira.

Tal método é assinalado com clareza como uma nova abordagem materialista da história: “não renunciar a nada que possa demonstrar que a representação materialista da história é imagética” (BENJAMIN, 2009, (N 3, 3), p. 505). Assinalamos outras citações: “Que o objeto da história seja arrancado, por uma explosão, do continuum do curso da história é uma exigência de sua estrutura monadológica. Esta se torna visível apenas no próprio objeto arrancado. E isso ocorre sob a forma da confrontação histórica que constitui o interior (as entranhas) do objeto histórico”. (N 10, 3), p. 517). O método monadológico completa-se com outras designações como: “montagem literária”, a fim de mostrar “farrapos e resíduos para lhes fazer justiça” (N 1 a, 8) p. 502), ou método filológico, que identifica a atualidade do ocorrido no agora (N 2, 1) p. 502). Uma abordagem que visa a “dissolução da ‘mitologia’ no espaço da história”, o que “só pode acontecer através do despertar de um saber ainda não consciente do ocorrido” (N 1, 9), p. 500).

Esses objetivos metodológicos visam a mostrar que o materialismo histórico tem condições de aniquilar a ideia de progresso e distinguir-se completamente do pensamento histórico burguês assumindo como conceito fundamental de abordagem do passado na noção de atualização. Tem-se aqui três condições necessárias para a aplicação desse novo método: compreender que a construção de um estado de coisas histórico exige a sua “destruição”, para que o “passado seja tocado pela atualidade não

pode haver qualquer continuidade” entre passado e presente, e ainda descobrir no mundo da vigília os traços do sonho coletivo, a fim de “capturar os aspectos mais atuais do passado” e gerar as condições do despertar (BENJAMIN, 2009, (N 7, 6 e N 7, 7), p. 512).

Esse terceiro elemento de constituição do método, a “captura de aspectos do passado”, nos remete a um novo momento da reflexão benjaminiana, que consiste em explicitar as diferenças entre o inconsciente individual e o inconsciente coletivo, neste predominando o esquecimento principalmente do passado mais recente, para compreender em que consiste a experiência do despertar.

As características do despertar e a dialética

A terceira condição de leitura dialética da história nos remete ao Arquivo K para a compreensão da dimensão onírica do presente, tendo em conta a citação de Marx lembrada acima: (“Ficará claro que o mundo há muito possui o sonho de uma coisa, da qual precisa apenas possuir a consciência para possuí-la realmente”.) Para Benjamin o “século XIX um espaço de tempo (Zeitraum) um sonho de tempo (Zeitraum), no qual a consciência individual se mantém cada vez mais na reflexão, enquanto a consciência coletiva mergulha em um sonho cada vez mais profundo” (BENJAMIN, 2009 (K 1, 4), p. 434), ou seja, Benjamin retoma e redimensiona a afirmação de Marx na sua dimensão mística e utópica a ser despertada e transformada em consciência crítica.

A consciência individual voltada para a experiência empírica está envolta no caráter fetichista da mercadoria. O sonho traduz um saber (do ocorrido) implícito no traçado da cidade e ainda não consciente. A tarefa do historiador materialista e mais precisamente da dialética é desvelar o inconsciente coletivo nas figuras e imagens da realidade urbana (arquitetura, passagens, publicidade, política, etc.), traços materiais que escondem a dimensão onírica e utópica da experiência social, interpretar as imagens desse sonho coletivo cuja expressão se encontra na estrutura social fetichizada, na ideologia do progresso, a fim de que sejam criadas as condições do despertar. “Recordação e despertar estão intimamente relacionados. O despertar é, com efeito, a revolução copernicana e dialética da rememoração” (BENJAMIN, 2009 (K 1, 3), p. 434).

Reconhecer nas imagens da grande cidade os ecos do passado, descobrir o significado implícito do ocorrido na estrutura do presente é o que se propõe o autor a respeito de Paris do século XIX. Desvelar as formas de manifestação do sonho na realidade urbana permite reconhecer a situação na qual se vive contemporaneamente; a arquitetura, a tecnologia, o estilo de vida de uma época, parecem antecipar no seu caráter simbólico as manifestações futuras, ao mesmo tempo em que revelam a nostalgia do antigo; a “avaliação dos elementos oníricos na hora do despertar é um caso modelar do raciocínio dialético”, o que faz do pensamento dialético o “órgão do despertar histórico. Cada época sonha a seguinte mas, sonhando, se encaminha para o seu despertar” (BENJAMIN, 1985b, p. 43). A hora do despertar que uma realidade social carrega pode não acontecer se não se reconhecem os seus sinais.

Conforme Kofler (2010, p. 144), a dialética permite esclarecer relações em determinadas condições: “aquilo que deveria permanecer oculto aos homens de épocas passadas, hoje o reconhecemos com relativa facilidade”; a partir da “expressão de Marx, a anatomia do homem oferece a chave da anatomia do macaco”, podemos interpretar que somente após um desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais podemos fazer a leitura e interpretação do passado identificando nele as contradições que no momento em que eram produzidas não podiam ser identificadas.

A observação de Benjamin sobre o sonho de uma época e os sinais do despertar, que podem ser reconhecidos nos “monumentos da burguesia antes mesmo que desmoronem”, mostra que uma identificação precoce também é possível. Se relacionarmos com suas observações sobre a arquitetura, vemos que esta prenuncia, no processo histórico, a relação histórica entre as massas e a obra de arte e as novas leis da percepção que se concretizam no cinema. Mas isso pode ser evidenciado apenas na consolidação do cinema enquanto arte (BENJAMIN, 1985c, p. 193).

Do mesmo modo, *Paris, Capital do século XIX* acentua a relação entre antigo e moderno na aplicação de novas tecnologias como o ferro e o vidro: nas “vigas de sustentação esses construtores imitam colunas pompeianas e nas fabricas eles imitam moradias, assim como as primeiras estações ferroviárias tomam por modelo os chalés” ((BENJAMIN, 1985b, p. 31). Ao mesmo tempo que retomam o passado, essas construções contém elementos de tecnologias futuras, que podem ser identificadas apenas quando estas se concretizam. Descobrir os segredos que se escondem na aparência iluminada e grandiosa da cidade, as forças revolucionárias imersas e ocultas

pelo mito expresso na cultura, esta é a tarefa do pensamento dialético e do historiador materialista.

Pouca coisa existe na história da humanidade que conheçamos tão bem quanto a história da cidade de Paris. Milhares e milhares de volumes foram dedicados exclusivamente ao estudo deste minúsculo pedaço de terra. (...) E na atração que ela exerce sobre as pessoas age uma espécie de beleza própria de uma grande paisagem – melhor dizendo, de uma paisagem vulcânica. Na ordem social, Paris corresponde ao que na ordem geográfica é o Vesúvio. Um maciço ameaçador, perigoso, um foco de revolução em constante atividade. Mas, assim como as encostas do Vesúvio se transformaram em pomares paradisíacos graças às camadas de lava que as recobriram, assim também florescem sobre a lava das revoluções, como em nenhum outro lugar, a arte, a vida festiva, a moda (BENJAMIN, 2009 (C 1, 6), p. 122).

Para seguir esta senda metodológica de desvelamento da dimensão onírica expressa na cultura e no estilo de vida da grande cidade Benjamin alia a sua leitura da teoria de Marx sobre a relação entre infraestrutura e superestrutura, que acentua que esta é expressão daquela, para explicitar a relação entre individual e coletivo, vigília e sonho: as “condições econômicas sob as quais a sociedade existe encontram na superestrutura a sua expressão”; assim como o estômago pleno “de um homem que dorme (...) encontra no conteúdo do sonho não o seu reflexo, mas a sua expressão”, assim também o “coletivo expressa primeiramente suas condições de vida. Estas encontram no sonho a sua expressão e no despertar a sua interpretação” (BENJAMIN, 2009, (K 2, 5), p. 437). Que se trata de uma questão teórico-metodológica se evidencia nas citações de Marx, como a do Posfácio de *O Capital*:

A pesquisa deve apropriar-se da matéria no detalhe, analisar suas diferentes formas de desenvolvimento e descobrir seu concatenamento interno. Somente depois de realizado este trabalho é que o movimento real pode ser apresentado adequadamente. Se isso for alcançado, de modo que a vida do material seja refletida agora de maneira ideal, então pode parecer que se está diante de uma construção a priori” (BENJAMIN, 2009 (N 4 a, 5), p. 507).

A partir da teoria do sonho, Benjamin redefine e aprofunda as colocações de Marx (1977, p. 17) a respeito dos entraves do passado na construção do presente e nas perspectivas do futuro: os entraves se apresentam no modo como o passado interage com o presente, principalmente nas formas de ideologia. “A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos”. Benjamin identifica na realidade do século XIX forças míticas advindas de uma experiência histórico-social de tempos imemoriais, forças que precisam ser interpretadas para que possamos

conhecer o contexto da atuação política e decifrar os sinais transformadores de nossa existência histórica. Para tanto, a dimensão onírica da realidade social cuja expressão encontramos na arte, na religião, na moda, ou seja, na cultura em geral, precisa ser desvelada.

É um dos pressupostos tácitos da psicanálise que a oposição categórica entre sono e vigília não tem valor algum para determinar a forma de consciência empírica do ser humano, mas cede o lugar a uma infinita variedade de estados de consciência concretos, cada um deles determinado pelo grau de vigília de todos os centros possíveis. Basta, agora, transpor o estado de consciência, tal como aparece desenhado e seccionado pelo sonho e pela vigília, do indivíduo para o coletivo (BENJAMIN, 2009 (K 1, 5), p. 434).

Conforme Aquino (2006, p. 157), a diferença entre Freud e Benjamin estaria na interpretação do sonho; na teoria de Freud no sonho do indivíduo a “reencenação da experiência infantil, que ali comparece como determinação arcaica, ocorre sempre no tempo presente; ao contrário, na experiência do sonho coletivo, que, segundo Benjamin, é também expressão desiderativa e prospectiva, é o mais recente mesmo que é recalçado, esquecido, pois figurado sob as formas de um passado primevo, de uma história primeva, formas nas quais o ‘eterno retorno’, a repetição mítica do mesmo se apresenta sob a figura do novo e nesta, a utopia é encoberta”.

Essa transposição supõe reconhecer um movimento interno na produção do coletivo que se assemelha aos processos orgânicos individuais e “permanecem no ciclo da eterna repetição até que o coletivo se apodere deles na política e quando se transformam, então, em história” (BENJAMIN, 2009 (K 1, 5), p. 434). Trata-se de descobrir correspondências entre o mundo moderno e as formas arcaicas de representação. Os sinais do arcaico podem ser desvelados no moderno. Existem imagens que “não apenas pertencem a uma determinada época”, mas somente “se tornam legíveis em uma determinada época”, legibilidade possível em um “ponto crítico específico do movimento em seu interior” (BENJAMIN, 2009 (N 3, 1), p. 504).

A existência mítica que se traduz na eterna repetição do mesmo na forma mercadoria encobre a possibilidade de transformação. Trata-se de descobrir as cesuras, as tensões que se concentram no presente, para identificar os sinais do novo nas brumas do mito. E isso ocorre como imagem dialética na sua dimensão onírica: “não é que o passado lança sua luz sobre o presente ou que o presente lança sua luz sobre o passado; mas a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo”. A relação

entre o ocorrido e o agora não é contínua, mas é dialética porque é imagética, “não é uma progressão, mas uma imagem que salta” (BENJAMIN, 2009, (N 2^a, 3) p. 504). “O verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representá-las em nosso espaço (e não nos representar no espaço delas). (...) Também a contemplação de grandes coisas do passado – a catedral de Chartres, o templo de Paestum - consiste, na verdade, em acolhe-as em nosso espaço. Não somos nós que nos transportamos para dentro delas, elas é que adentram a nossa vida” (BENJAMIN, 2009 (H 2, 3), p. 240). Identificar essa situação significa identificar as condições para o despertar. Ao historiador materialista cabe capturar os elementos mais atuais do passado, para a compreensão profunda do presente. E este é um fato essencialmente político, porque nos oferece a imagem da alienação, bem como as possibilidades de sua superação.

Descobrir correspondências que permitam identificar o ocorrido no agora e interpretar o sonho coletivo, tarefa do historiador, pressupõem entender que as imagens de uma determinada época se tornam legíveis em momentos específicos, “revelam-se somente a uma época bem determinada”, aquela na qual “a humanidade, esfregando os olhos, percebe como tal justamente esta imagem onírica” (BENJAMIN, 2009 (N 4, 1), p. 506).

Todo conhecimento histórico pode ser representado pela imagem de uma balança em equilíbrio, que tem sobre um de seus pratos o ocorrido e sobre o outro o conhecimento do presente. Enquanto no primeiro prato os fatos reunidos nunca serão insignificantes e numerosos demais, o outro deve receber apenas alguns poucos pesos – grandes e maciços (BENJAMIN, 2009 (N 6, 5), p. 510).

O despertar como a descoberta dessa imagem, apresenta-se como a “síntese da tese da consciência onírica e da antítese da consciência desperta”, que seria idêntico ao “‘agora da cognoscibilidade’ no qual as coisas mostram seu rosto verdadeiro – o surrealismo” (BENJAMIN, 2009 (N 3^a, 3) p. 505). Esse movimento sem conclusão, que pode passar sem ser reconhecido, exige do historiador a tarefa de interpretar os sonhos coletivos, a fim de desvelar um passado ainda não consciente e identificar as novas constelações que, por sua vez, permitem expressar novos significados da realidade social e política. Dessa crítica ao presente pode surgir o autêntico tempo histórico que, superando a experiência tradicional do tempo linear, possibilitaria ao homem temporalizar-se, reconhecendo-se efetivamente como ser histórico.

A imagem dialética, ponto de cesura, lampejo a ser reconhecido, é a porta de entrada para identificar o movimento dialético e as contradições escondidas na aparência do cotidiano; imagem que, conforme Chitussi (2006, p. 44), existe uma área, uma zona de passagem, “na qual sonho e vigília, passado e presente, não são mais opostos nos quais sujeito e objeto da consciência se reconfiguram para além do mitologema do eu psicossomático que Benjamin havia reconhecido como limite da filosofia kantiana, a revelar-se uma região da cognoscibilidade”. Esta situação “mostra a ambivalência dos fenômenos”: as passagens são, ao mesmo tempo, estrada e casa e “as prostitutas só aparentemente são vendedoras, porque ao mesmo tempo são também mercadorias”. A ambiguidade que revela o caráter dúplice da realidade “é a mesma aparência da contradição que efetivamente dá vida ao sonho”. É a própria ambiguidade da imagem dialética que permite reconhecer a convivência do mítico com o utópico na “tensão de um movimento que, de outra forma, ficaria inacessível” (CHITUSSI, 2006, p. 48). A imagem dialética permite, assim, atualizar o passado no presente e, identificando o elo expressivo entre a dimensão onírica e a aparência ambígua que as coisas assumem na sociedade capitalista, efetuar uma nova leitura da história ou o despertar do sonho.

Despertar que significa reconhecer o mítico e o utópico na realidade social e política, fazer a crítica da experiência fetichista, da história espacializada, para vislumbrar novas constelações, cujos significados podem reorientar o presente: os “sonhos coletivos do século XIX”, se bem interpretados, são “da maior importância prática, permitindo-nos conhecer o mar em que navegamos e a margem da qual nos afastamos”. Esta é a tarefa verdadeiramente crítica, ou seja, a crítica ao historicismo enquanto narcótico e sua maneira de se mascarar (BENJAMIN, 2009 (K 1ª, 6), p. 435).

Considerações finais

Uma das características que se tentou evidenciar nos escritos de Walter Benjamin é o modo como a filosofia supera sua condição de sistema explicativo para assumir o duplo significado de errância (caminhar e errar). Para Martin Jay (2008, p. 232), o estilo particular desse autor “deveu-se a sua busca da forma de expressão mais concreta possível”, com a propensão a afastar-se do “jargão da filosofia tradicional, que ele descartava como uma linguagem de alcoviteiros”. Aprender o real em seus detalhes,

analisar suas diferentes formas e concatenações internas, partir das condições materiais em seu movimento e em sua estrutura contraditória, são aspectos teórico-metodológicos que Benjamin retoma de Marx, mas sua proposição vai mais além: acentuando os limites da noção de temporalidade histórica assumida pelo marxismo, o autor redefine a noção de dialética, ao mostrar que o “que é decisivo é que o dialético não pode considerar a história senão como uma constelação de perigos, que ele – que acompanha seu desenvolvimento com o pensamento – está sempre prestes a desviar” (BENJAMIN, 2009 (N 7, 2), p. 511).²

Nisso consistiu a sua revolução copernicana: romper com as noções de determinismo e causalidade como o ponto fixo que delimitava a leitura contínua da história, para instaurar uma nova metodologia que procura reconhecer as correspondências entre o ocorrido e o agora, a fim de reconhecer no presente os sinais da inter-relação entre a história anterior e a posterior inscritas no momento de sua legibilidade. Essa nova abordagem redefine também o materialismo histórico e a dialética, que passa a ser entendida como corte tensional da realidade que evidencia movimento e imobilização do pensamento, que reordena os fatos em novas constelações de significados. Nessa nova leitura da história o conceito imagem dialética torna-se central, possibilitando uma nova compreensão do tempo histórico, na qual o passado (reprimido ou esquecido) encontra sua fisionomia no presente. Essa leitura permite evidenciar as dimensões mítica e utópica da história implícitas no presente.

Essa abordagem permite ainda agregar ao materialismo histórico a partir da leitura de Marx, as contribuições da teoria freudiana do sonho e transpor do individual para o coletivo a leitura oferecida pela psicanálise. Nessa perspectiva, as observações de Adorno sobre Benjamin nos esclarecem: “Ele liberou-se do sonho sem traí-lo, nem se tornando cúmplice daquilo em que os filósofos sempre estiveram de acordo: que o sonho não deve ser” (ADORNO, 1998, p. 237).

Seu propósito, na verdade, era desarticular e reconstruir o objeto, as partes e o todo, num trabalho no qual o todo se manifesta no singular, como uma mônada ou ainda como um denso mosaico de imagens que possibilitam visualizar constelações. O tempo histórico, nessas condições, assume um novo sentido: suprime-se a continuidade

² Para Terry Eagleton (1993, p. 240), o conceito de constelação, elaborado com a colaboração de Adorno, “é talvez uma das tentativas modernas mais originais para romper com as versões tradicionais da totalidade”.

para acentuar a simultaneidade própria da experiência e a riqueza de significados dos objetos, agora libertos da interpretação linear. As condições de possibilidade dessa abordagem são postas pela memória, que supera e recompõe o passado no instante. A história constrói-se no instante presente, tanto em direção ao passado quanto em direção ao futuro, num trabalho em que memória e expectativa de realização se entrecruzam e se renovam. É desse modo que o novo pode nascer das possibilidades infinitas que nos coloca a tradição. A arte se põe como o campo privilegiado em que o antigo e o novo se misturam e interagem e a possibilidade do novo aflora.

Referências

ADORNO, T. **Prismas**. São Paulo: Ática, 1998.

ADORNO, Theodor. **Correspondência 1928-1940: Adorno e Benjamin**. São Paulo: Unesp, 2012.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História - destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

AQUINO, João Emiliano F., **Memória e consciência histórica**. Fortaleza: Ed.UECE, 2006.

BENJAMIN, Walter. **Origem do Drama Barroco Alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENJAMIN, Walter. **Paris, Capital do século XIX**. In: BENJAMIN, W. **Sociologia**. São Paulo: Atica, 1985b.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985c.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas II – Rua de Mão Única**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2009.

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do Olhar – Walter Benjamin e o Projeto das Passagens**. Belo Horizonte: UFMG /Chapecó: Argos, 2002.

CHITUSSI, Barbara. **Filosofia Del sogno. Saggio su Walter Benjamin**. Milano: Mimesis, 2006.

HISTÓRIA, DIALÉTICA E MATERIALISMO HISTÓRICO NA...

Anita Helena Schlesener

EAGLETON, Terry. **O rabino marxista**. In: ESGLETON, T. **A ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

JAY, Martin. **A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt (1923-1950)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KOFLER, Leo. **História e dialética – estudos sobre a metodologia da dialética marxista**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2010.

MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MISSAC, Pierre. **Passagem de Walter Benjamin**. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. **O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

WOLIN, Richard. **Walter Benjamin: an Aesthetic of Redemption**. Berkeley/Los Angeles/ London, University of Califórnia Press, 1994.